

GUERRA TARIFÁRIA E TERRAS RARAS: A VULNERABILIDADE ESTRATÉGICA DA INDÚSTRIA DE DEFESA AMERICANA

Por Albert Caballé Marimón*



Imagen gerada por inteligência artificial.

Trump conseguiu o impossível: declarar guerra comercial ao país que controla os minerais vitais para seus sistemas de defesa, uma genial estratégia para tornar a "América grande novamente" – mas dependendo da boa vontade chinesa.

A imposição de tarifas comerciais pelo governo Trump, (que, na verdade, já havia iniciado em 2018), desencadeou importantes mudanças na estrutura da cadeia de suprimentos da indústria de defesa norte-americana. A guerra tarifária – agora fortemente intensificada – contra a China, o principal fornecedor mundial de minerais de terras raras, colocou em evidência vulnerabilidades estratégicas dos Estados Unidos. Neste artigo buscamos mostrar um panorama dos impactos dessa guerra tarifária sobre a indústria de defesa dos EUA.

DEPENDÊNCIA ESTRATÉGICA: O PARADOXO DA AUTONOMIA MILITAR AMERICANA

A decisão de Trump de impor tarifas sobre produtos chineses e, por consequência, a ampla gama de retaliações, expôs uma preocupação estrutural pouco percebida por segmentos fora do alto escalão: a dependência dos Estados Unidos de minerais de terras raras. Esses elementos se tornaram, ironicamente, uma verdadeira “moeda de troca” no tabuleiro da guerra comercial com a China.

Cerca de 90% do processamento mundial de terras raras ocorre na China. Esses elementos são indispensáveis à fabricação de sistemas de radar, mísseis guiados, motores elétricos e uma miríade de outros dispositivos militares e de alta tecnologia. Quando Pequim restringiu as exportações para os EUA, a vulnerabilidade americana ficou patente. Em resposta, a norte-americana MP Materials, dona da única mina ativa de terras raras dos EUA, em Mountain Pass, na Califórnia, anunciou a interrupção do envio de concentrado para a China, buscando um primeiro passo na criação de uma cadeia de suprimento doméstica.

No entanto, os desafios para essa autonomia não são poucos e nem pequenos. A mineração por si só não é suficiente; o processamento químico, tradicionalmente feito na China por questões de custo e experiência, não é uma competência dos EUA. Assim, mesmo que a matéria-prima seja extraída em solo americano, há extrema dependência de capacidade externa para transformá-la em produtos utilizáveis. Portanto, é difícil escapar da dependência internacional enquanto não houver, nos EUA, uma infraestrutura completa para minerar, processar e empregar elementos de terras raras em escala industrial.

A ironia se completa quando se observa que a guerra tarifária, inicialmente (e supostamente) desenhada para proteger a indústria americana, acabou expondo a deficiência de políticas industriais voltadas a garantir autonomia real em setores estratégicos. O aumento do custo de insumos devido às tarifas deve elevar (ainda mais) o custo final dos sistemas de defesa americanos, gerando pressão crescente sobre orçamentos militares e forçando ajustes ou a busca de financiamentos adicionais no Congresso.

Em meio a esse contexto, Washington busca por outros fornecedores. Trump afirmou que o acordo com a Ucrânia para fornecimento de minerais de terras raras está previsto para assinatura nos próximos dias. Isso diminuiria um pouco a dependência estratégica diante do risco das decisões da China, mas ainda há a questão do processamento.

No entanto, a busca por diversificação não está livre de obstáculos. O desenvolvimento de minas em países como Ucrânia e Austrália, ou mesmo o amadurecimento das operações em solo americano, requerem alto investimento, elevados padrões ambientais e, evidentemente, tempo – um recurso escasso diante do imediatismo dos desafios geopolíticos atuais. Os Estados Unidos devem perseguir negociações visando ampliar o leque de fornecedores, mas a escala e a complexidade envolvidas são tais que uma solução rápida parece improvável.

Há nuances importantes no aspecto econômico. O aumento dos custos para a indústria de defesa pode trazer consequências para programas de modernização tecnológica, potencialmente atrasando prazos ou reduzindo volumes de produção de equipamentos considerados cruciais. O cenário pode ser traduzido em pressão orçamentária para o Departamento de Defesa e compromissos políticos delicados ao aproximar-se de um ano eleitoral.

Muito se discute sobre oportunidades geradas pela crise – entre elas, o incentivo à produção nacional, o desenvolvimento de novos processos industriais e o estímulo à pesquisa tecnológica. Mas a autossuficiência, ainda que muito desejada, esbarra nos desafios já citados: custos elevados, desenvolvimento de processos e capacidade de processamento, necessidade de mão de obra qualificada para e restrições ambientais.

Vale ressaltar ainda que a predominância chinesa nesse setor não resulta apenas de aspectos geológicos, mas de uma política industrial direcionada e de incentivos governamentais robustos. Os Estados Unidos, em contraste, historicamente optaram por delegar atividades poluentes e de baixo valor agregado a outros países, concentrando-se em etapas tecnológicas avançadas. A guerra tarifária trouxe um ponto de inflexão, obrigando uma revisão dessas escolhas.

As consequências são difíceis de mensurar. O domínio chinês na cadeia de terras raras é, agora, entendido como uma alavanca de poder que pode ser acionada em disputas globais – um ativo que transcende o valor comercial e se converte em instrumento de influência estratégica. Ao mesmo tempo, para os EUA, a dependência se converte em vulnerabilidade, limitada apenas pela boa vontade e pelos interesses de seu escolhido principal rival global.

DECISÃO IRRESPONSÁVEL?

Diversas análises e declarações recentes indicam que a decisão tarifária de Trump, especialmente as relacionadas a minerais de terras raras da China, foi no mínimo precipitada e, muito possivelmente, impensada em relação a seus efeitos estratégicos na economia e na defesa dos EUA. Janet Yellen, ex-secretária do Tesouro no governo Biden, já havia dito em outubro passado que aumentar tarifas e isolar a economia americana seria *"profundamente equivocado"*, apontando que a medida elevaria os preços aos consumidores e prejudicaria a competitividade das empresas americanas – inclusive na área de defesa.

Bryan Clark, analista do Instituto Hudson, destacou que as tarifas sobre materiais críticos aumentariam custos, comprometeriam a cadeia de suprimentos e trariam riscos semelhantes aos enfrentados durante a pandemia de covid-19, com aumentos e atrasos na entrega de equipamentos de defesa. Ainda em março, Ricardo Hausmann, da Universidade Harvard, afirmou que as tarifas de Trump poderiam aumentar custos em até 25% ao longo de complexas cadeias globais, ameaçando colapsar setores inteiros caso atravessassem múltiplas fronteiras produtivas.

Juntas, essas análises sugerem que Trump subestimou tanto a reação da China quanto os entraves estruturais domésticos, tornando a decisão tarifária um movimento de consequências negativas pobremente calculadas.

MINERAIS CRÍTICOS

As terras raras são essenciais para a fabricação de produtos de alta tecnologia. O setor de defesa faz uso intensivo de terras raras e outros minérios, e problemas de fornecimento podem afetar a produção de diversos equipamentos. Mísseis, drones, caças e aeronaves militares em geral fazem muito uso de alumínio e aço, mas terras raras são empregadas em radares, sistemas de comunicação e motores elétricos embarcados em plataformas militares modernas. Empresas como a Boeing, a Lockheed Martin, a Honeywell e a RTX (antiga Raytheon Technologies), entre outras, correm o risco de interrupções na cadeia de suprimentos e elevação dos preços. Programas de modernização e manutenção contratados com essas empresas, por exemplo, devem ficar mais caros diante do aumento do custo das matérias-primas.

CRÍTICAS

Segundo uma análise do *think tank* britânico Chatham House, as tarifas de Trump colocaram em evidência que os Estados Unidos dependem fortemente de minerais de terras raras fornecidos... pela própria China. A análise alerta que, ao iniciar uma guerra comercial com o principal fornecedor desses materiais os EUA se tornaram vulneráveis a retaliações, ameaçando sua própria segurança nacional. Na visão deste autor, isso deveria parecer óbvio, mas parece que o bom senso abandonou a política ocidental há tempos.

Como se isso não bastasse, a Chatham House também destacou que a medida de Trump pressionou aliados a reverem a dependência de Washington em matéria de defesa, ao mesmo tempo em que fortaleceu o discurso chinês de que os EUA não são parceiros confiáveis.

Reportagens da *Newsweek* reforçaram que as tarifas provocaram retaliação chinesa, incluindo restrições à exportação dos minerais essenciais, impactando diretamente a prontidão militar americana. Especialistas citados pelas matérias alertam que as restrições podem dificultar o desenvolvimento de tecnologias militares de ponta nos EUA e gerar atrasos ou aumentos de custo na indústria de defesa.

Já a *Fox Business* indicou preocupações do governo americano com a possibilidade de interrupção de exportações de minerais críticos, o que motivou movimentos como o já mencionado da MP Materials, interrompendo o envio de concentrado para a China, tentando fomentar uma cadeia de suprimentos doméstica. As matérias reconhecem os riscos imediatos e as dificuldades técnicas decorrentes da dependência estrutural do processamento realizado fora do país.

Em análise do Centro de Estudos Estratégicos Internacionais (CSIS, *Center for Strategic & International Studies*) também afirmou que a política tarifária pode comprometer a prontidão militar dos EUA, dado o risco de restrições chinesas sobre exportação de terras raras.

Em suma, diversas análises dentro dos EUA convergem ao apresentar a guerra tarifária como uma decisão de alto risco, eficácia duvidosa e pouca ponderação, já que, ao buscar pressionar a China, acabou expondo e agravando a vulnerabilidade estratégica americana.

A estratégia (se é que se pode usar esse termo) adotada por Trump é portanto no mínimo incoerente, sem alinhar políticas comerciais com as reais dependências críticas da indústria de defesa norte-americana, aumentando a exposição a retaliações e riscos de desabastecimento.

“Make America Great Again”. Trump parece estar contando com a boa vontade dos chineses para isso, e é no mínimo curioso que isso ocorra na maior potência militar que o planeta já conheceu. Seria um sinal dos tempos?

REFERÊNCIAS

- REIS, J. B.** *As tarifas de Trump e a indústria militar de Defesa dos EUA: cascata de efeitos negativos.* Revista Sociedade Militar, 18 de abril de 2025. Disponível em:
<https://www.sociedademilitar.com.br/2025/01/os-efeitos-que-a-politica-de-tarifas-de-trump-pode-ter-na-industria-militar-de-defesa-reis.html>.

China grip on rare earths, threatening U.S. defense supply chains. New York Center for Foreign Policy Affairs, 17 de abril de 2025. Disponível em: <https://nycfpa.org/04/17/china-grip-on-rare-earths-threatening-u-s-defense-supply-chains/>.

LAWDER, David. *Secretaria do Tesouro diz que promessa feita por Trump sobre elevar tarifas é 'profundamente equivocada'*. Folha de São Paulo, 17 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/10/secretaria-do-tesouro-diz-que-promessas-feitas-por-trump-sobre-elevar-tarifas-e-profundamente-equivocado.shtml>.

Rare Earth Dominance Puts China in Powerful Geopolitical Position. Oilprice.com, 17 de abril de 2025. Disponível em: <https://oilprice.com/Metals/Commodities/Rare-Earth-Dominance-Puts-China-in-Powerful-Geopolitical-Position.html>.

BALAGO, Rafael; **PÁDUA**, Luciano. *"Tarifas de Trump vão trazer danos severos", diz Ricardo Hausmann, professor de Harvard.* Exame, 20 de março de 2025. Disponível em: <https://exame.com/revista-exame/os-eua-nao-fabricam-nada-sozinhos/>.

SHAW, Christina. *MP Materials cuts off US rare earth to China amid ongoing tariff battle.* Fox Business, 18 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.foxbusiness.com/fox-news-economy/mp-materials-cuts-off-us-rare-earth-china-amid-ongoing-tariff-battle>.

BASKARAN, Gracelin; **SCHWARTZ**, Meredith. *The Consequences of China's New Rare Earths Export Restrictions.* CSIS, Center for Strategic & International Studies, 14 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/consequences-chinas-new-rare-earths-export-restrictions>.

PURI, David. *President Trump's tariffs increase pressure on allies to reduce security dependence on the US.* Chatham House, 15 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.chathamhouse.org/2025/04/president-trumps-tariffs-increase-pressure-allies-reduce-security-dependence-us>.

FUNK, Josh. *The US has a single rare earths mine. Chinese export limits are energizing a push for more.* AP News, 18 de abril de 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/rare-earths-trump-tariffs-china-trade-war-effd6a7ec64b5830df9d3c76ab9b607a>.

Trump says U.S. to sign rare earths minerals deal with Ukraine next week. NPR, 17 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.npr.org/2025/04/17/nx-s1-5366821/trump-italy-meloni>.

US depends on single rare earths mine as China's export limits accelerate push for more. Business360, 18 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.b360nepal.com/detail/24982/us-depends-on-single-rare-earths-mine-as-chinas-export-limits-accelerate-push-for-more>.

COLE, Brendan; **FENG**, John. *Why China's Rare Earth Curbs Could Devastate US Defense Industry.* Newsweek, 11 de abril de 2025. Disponível em: <https://www.newsweek.com/china-xi-trump-rare-earths-2057930>.

***Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site Velho General. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Cerrado e proferiu palestras na AFA – Academia da Força Aérea. É colaborador do USNI (US Naval Institute) e do Canal Arte da Guerra.
